

RESSIGNIFICAR A ALFABETIZAÇÃO: um olhar da Orientação Educacional sobre o acolhimento em tempos de pandemia.

Elisa Guiraldelli Macedo¹

Mônica Wendhausen²

Eixo temático: 10. Alfabetização e ensino remoto: desafios, aprendizados e perspectivas.

Resumo: Este artigo tem como objetivo descrever duas das muitas ações implementadas pela Orientação Educacional de uma escola municipal de Florianópolis, no enfrentamento desta nova realidade que nos foi imputada pela Pandemia COVID19, nos últimos um ano e meio. Uma destas estratégias, relaciona-se ao acolhimento e resgate do sentimento de pertença do/a estudante pela escola, elementos importantes para o processo de alfabetização, e, a outra, voltada às provocações geradas durante os planejamentos e demais ações formativas que, nos fez/faz refletir sobre a nossa condição e, por isso, sobre a nossa prática escolar, ainda fragmentada, centrada e preocupada com os conteúdos e não com as aprendizagens. O intuito é traçar um panorama geral da situação escolar e produzir dados que possam nos auxiliar na reorganização e replanejamento de ações futuras, no que diz respeito à garantia das aprendizagens dos/as nossos/as estudantes. Para isso, utilizamos como óculos paradigmático a abordagem dialética e, quanto aos objetivos de investigação, realizamos uma pesquisa descritiva-exploratória. Utilizamos a observação sistemática como ferramenta para realizar as primeiras recolhidas e, a partir disso, buscar um fazer educativo mais assertivo. Nessas primeiras observações, vimos a importância do acolhimento no resgate do sentimento de pertença pelos estudantes e a construção coletiva de caminhos para aprender e ensinar, tendo como norte, as questões que nos guiaram neste momento: O que queremos que a nossa criança aprenda? Quem queremos formar?

Palavras-chaves: aprendizagem, processo de alfabetização, orientação educacional, pandemia, sentimento de pertença.

Introdução

Experimentar novos caminhos do aprender na escola é um desafio que nos foi imposto no último ano e meio. A pandemia trouxe o isolamento, a escola virtual, o distanciamento social e a reticência do toque, do sorriso, da brincadeira. Nunca discutimos tanto a importância do ambiente escolar, das interações e da falta dela no processo de alfabetização e letramento dos/as nossos/as pequenos/as.

Um outro fator que aparece em nossas observações enquanto orientadoras e articuladoras dos processos educativos, seria quanto ao enfrentamos desse novo tempo e a sua relação

¹ Pós-Graduação em Psicopedagogia Institucional pela UNIASSELVI. Orientadora Educacional da Prefeitura Municipal de Florianópolis do Estado de Santa Catarina. Contato: elisa.macedo@prof.pmf.sc.gov.br

² Doutorado em Educação PPGE/UDESC. Orientadora Educacional da Prefeitura Municipal de Florianópolis do Estado de Santa Catarina. Contato: monica.wendhausen@prof.pmf.sc.gov.br

direta quanto a prática educativa do professor. Se avaliar aprendizagens é um desafio que enfrentamos todos os anos, agora, tornou-se um tormento, dada a distância que nos é imposta a partir das barreiras físicas, sociais e afetiva.

Refletindo sobre isso, a orientação educacional de uma escola municipal de Florianópolis, na tentativa de garantir as aprendizagens dos/as estudantes, nomeadamente, as aprendizagens do ler e escrever, processos que consubstanciam a alfabetização e letramento, elaborou estratégias que constituem, ao nosso ver, a formação integral desses pequenos sujeitos que, afetados pela pandemia, foram roubados de suas vivências escolares no primeiro ciclo educativo formal, que se caracteriza pelo Ensino Fundamental I.

Uma destas estratégias, relaciona-se ao acolhimento e resgate do sentimento de pertença do/a estudante pela escola, elementos importantes para o processo de alfabetização, e, a outra, voltada às provocações geradas durante os planejamentos e demais ações formativas que, nos fez/faz refletir sobre a nossa condição e, por isso, sobre a nossa prática escolar, ainda fragmentada, centrada e preocupada com os conteúdos e não com as aprendizagens. Condição que se confronta com um vírus que questiona o nosso fazer humano, e, na escola, faz-nos inquirir: Quem é esse sujeito que queremos formar num tempo que, as incertezas são as nossas únicas “certezas”.

Destarte, no intuito de traçar um panorama geral da situação escolar e produzir dados que possam nos auxiliar na reorganização e replanejamento de ações futuras, no que diz respeito à garantia das aprendizagens dos/as nossos/as estudantes, este artigo busca descrever o caminhar dessas duas ações implementadas para o enfrentamento da nova realidade imputada pela Pandemia COVID19, nos últimos um ano e meio.

Para isso, utilizamos como óculos paradigmático a abordagem dialética, por compreendermos que toda ação educativa se caracteriza por ser uma práxis social. Acreditamos que somos seres inacabados e ao produzirmos conhecimento, apreendemos e produzimos a realidade e, dialeticamente, somos produzidos por ela.

Wachowicz (1989, p. 49) nos auxilia nesta reflexão quando, ao falar sobre educação numa concepção dialética que, “nem poderia ser diferente a concepção dialética: embora intencional, a construção de qualquer ação é previsível, mas não segue modelos acabados, fazendo-se ao mesmo tempo em que se realiza”.

Do ponto de vista de seus objetivos, esta investigação se caracteriza por ser do tipo descritiva - exploratória. Segundo Prodanov e Freitas (2013) essas pesquisas “os fatos são observados, registrados, analisados, classificados e interpretados, sem que o pesquisador interfira sobre eles. [...] As pesquisas descritivas, juntamente com as pesquisas exploratórias, proporcionam uma nova visão do problema”. (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 52-3).

Utilizamos como instrumento para as nossas primeiras análises a observação sistemática, realizada nos seguintes momentos/situações: a. Observações e escuta sistemática das famílias e estudantes de suas angústias e queixas em reuniões virtuais e intervenções na escola no período de fevereiro a junho de 2021; b. Observações realizadas durante as reuniões de planejamentos e encontros formativos, que ocorreram de fevereiro a maio de 2021.

Enfim, este artigo se organiza da seguinte forma: num primeiro momento realizaremos uma breve contextualização da realidade mundial e brasileira a partir do cenário da pandemia COVID 19 e seus reflexos para as aprendizagens dos/as estudantes e tecer algumas considerações e desafios impostos para os/as professores/as; depois, apresentaremos as ações realizadas pela orientação escolar de uma escola municipal e os desdobramentos dessas ações, na busca de garantir às aprendizagens dos/as estudantes nos seus processos de ler e escrever, e, por último, apontar algumas caminhos que vislumbramos para o enfrentamento dessa nova realidade escolar que a pandemia estabeleceu.

2 Escola e pandemia: um cenário de incertezas

A produção e sistematização dos dados em relação a pandemia e COVID-19 é bastante densa, apesar do pouco tempo de estudos realizados, mas se tornou nosso ponto de análises em relação ao que, empiricamente, observamos na escola. Para tanto, pontuamos que há muito a ser sistematizado quanto aos primeiros níveis da educação básica, Educação Infantil e Ensino Fundamental 1 e a nova realidade imposta. Sem mais delongas, seguem alguns apontamentos que ajudaram em nossas primeiras reflexões.

Em novembro de 2020 a Fundação Lemann publicou os estudos realizados pelo Centro de Aprendizagem em Avaliação e Resultados para o Brasil e a África Lusófona (FGV EESP *Clear*) intitulado: **“Perda de aprendizado no Brasil durante a pandemia de covid-19 e o avanço da desigualdade educacional”** e, em 2021 outro: **Síntese de evidências FGV EESP *Clear*: O que sabemos sobre os efeitos da interrupção das aulas sobre os resultados educacionais?**

Apesar dos dados focarem no ensino fundamental 2 e ensino médio, quando fala em linhas gerais, revelam algumas de nossas impressões observadas em nossa realidade como: O prejuízo educacional e social pelo fechamento das escolas em março de 2020 e a implementação abrupta do sistema remoto; a piora das desigualdades sociais e econômicas; os/as estudantes dos anos iniciais são os mais prejudicados; a interrupção das aulas afeta negativamente a proficiência dos estudantes; indicadores do aumento do abandono escolar.

No último documento faz-se uma análise sobre os efeitos da interrupção das aulas em vários países, considerando: (i) análise dos efeitos das férias escolares; (ii) análise do absenteísmo estudantil; e (iii) análise de variações exógenas na duração do ano letivo e ainda, (iv) os efeitos da interrupção das aulas e a sua relação com o abandono escolar versus as desigualdades socioeconômicas. (SOUZA et al, 2021).

Sobre o fechamento das escolas versus o desenvolvimento da proficiência de língua portuguesa e matemática, Souza et al, (2021) revelou que os motivos exógenos, sejam eles, desastres ambientais e climáticos, ou mesmo por motivo de segurança sanitária (como a H1N1 ou COVID 19), que exigiram uma interrupção de mais de um dia de aula, apresentaram resultados negativos e impactantes nas proficiências dos/as estudantes.

Quanto aos efeitos das aulas online e proficiência, o documento coloca que são poucos os estudos sobre os/as estudantes da educação básica e “são necessários mais estudos para compreender melhor como diferentes grupos de alunos, com diferentes características, reagem ao ensino online”. (SOUZA, 2021, p. 08).

Refletindo então sobre esses estudos e os desafios imputados para os professores, em especial na educação básica, a avaliação tornou-se uma seara complexa. Se antes contavam com o olhar, as trocas e as interações *face-to-face*, agora, precisam manter os vínculos; garantir as aprendizagens; adequar seus planejamentos e utilizar-se das novas tecnologias da informação e comunicação (TIC) para elaborar suas estratégias de ensino e aprendizagem.

Souza (2020) percebeu que o desafio é ainda maior. Isto porque, mesmo no ensino remoto as aulas ainda imitam as mesmas estratégias realizadas nas aulas presenciais e desmotivadoras. A pesquisadora aponta outro dado importante pontuado pelo Instituto Península:

88% dos professores nunca tinham dado aula de forma remota e 83,4% não se sentem preparados. A utilização das tecnologias digitais em rede na educação evidencia que os ambientes virtuais modificam o domínio sobre o fazer docente praticado na modalidade presencial, pois são outros espaços e tempos pedagógicos que se apresentam. (SOUZA, 2020, p. 113)

No entanto, é necessário lembrarmos que a formação dos professores “é antes uma prática que uma teoria sobre uma prática” e as equipes e articuladores pedagógicos precisam munir-se de estratégias que garantam espaços de discussão e formação em serviço, no intuito de se construir uma rede de entreatajuda e apoio, para que ninguém fique sobrecarregado e possa desenvolver seu ofício de forma tranquila, embasada e segura. (SOUZA, 2020, p. 113)

No caso da orientação educacional, o grande desafio imposto é manter o grupo docente reflexivo, desafiando-os a refletir sobre a realidade e as contradições que envolvem o discurso e a prática pedagógica. Concordamos com Grinspun (2011, p. 120) que “o

orientador é aquele que discute as questões da cultura escolar promovendo meios/estratégias” pautadas nas vivências escolares. Nessa busca, articular também, outras formas acolher, de estar com o outro, ver pelo olhar do outro, escutar o que o outro tem a dizer, porque “é escutando que aprendemos a falar com eles” (FREIRE, 2019, p. 111).

Munidas dessas reflexões e das observações realizadas, a orientação educacional elaborou e implementou duas ações que buscaram garantir o acolhimento e por extensão, as aprendizagens dos /as pequenos/as estudantes.

3 As ações da Orientação Educacional

Como todas as escolas do mundo, fechamos as nossas portas na primeira quinzena de março de 2020, deixando sem aulas presenciais mais de 500 estudantes com idade entre seis e dez anos. Todas as nossas estratégias e planejamentos foram interrompidas e tivemos que reorganizar a escola para um longo período de isolamento social, que perdurou até abril de 2021.

Nesse tempo, organizamos as aulas no ambiente virtual, Portal educacional e interagimos diuturnamente com as famílias pelas redes sociais, *WhatsApp* e *TELEGRAM*. Essa organização ocorreu a partir de um Plano de Ação semestral do ensino híbrido e pelo Plano de Contingência Escolar para a COVID-19, (PLANCON-EDU/COVID-19) alinhados às metodologias elaboradas pelos Planos de Contingência da defesa Civil de Santa Catarina e as orientações e diretrizes sanitárias nacionais e internacionais. (ADOTIVA, 2020, p. 07)

Com o início das aulas presenciais, em abril de 2021, um novo desenho de escola se configura. Agora, implementamos o sistema (híbrido). O/a estudante vem à escola de forma escalonada, a turma é dividida em dois grupos (A e B), numa semana está na escola e na outra, está no sistema remoto. Com poucas crianças na sala de aula e, com os atendimentos em aulas virtuais, percebemos que havia uma significativa defasagem de aprendizagem, extrapolando todas as nossas estimativas.

Assim, dentro do conjunto de medidas adotadas pela escola, inscritas no PLANCON e Plano de Ação, escolhemos duas que acreditamos serem primordiais para traçarmos um panorama geral da situação escolar e produzir dados que poderiam nos auxiliar na reorganização e replanejamento de ações futuras voltadas a diminuição dessas defasagens.

A primeira ação, voltara-se ao acolhimento da comunidade escolar com a criação da sacola pedagógica e acolhimento dos professores e a outra, à reflexão contínua da prática educativa do/a professor/a, nesse caso na elaboração dos descritores para a realização das avaliações diagnósticas que impulsionou o início da implementação de um programa de

alfabetização.

Estas duas ações não vem descoladas de um contexto, mas se organizam a partir do Projeto Acolhimento que redirecionou o planejamento da orientação educacional e realizou mudanças não somente no seu fazer, mas no espaço de atendimento para que se tornasse mais acolhedor.

Para que pudéssemos executar assertivamente o Projeto Acolhimento utilizamos duas ferramentas: a escuta ativa das famílias e professores e um mapeamento a partir de um questionário diagnóstico logo no início do ano letivo. Para traçarmos um primeiro panorama da realidade e pudemos repensar nos próximos passos.

Foi durante a escuta das famílias que materializamos a sacola pedagógica. As queixas das famílias em relação ao manejo e organização dos momentos de estudo remoto com seus/suas filhos/as revelaram que, uma das dificuldades estava relacionada à motivação para realizar as atividades propostas e uma outra, relacionava-se ao processo de alfabetização.

Essas queixas, fez-nos pensar, qual seria a estratégia pedagógica na qual as crianças tinham mais afinidade na escola e constatamos que o PAC era o caminho para resgatar esses pequenos sujeitos. A sacola então, foi criada para propiciar ao/à estudante outras possibilidades de aprender, e mais, possibilita a compreensão dos seus processos de aprendizagem, ao mesmo tempo que refaz os laços afetivos e o sentimento de pertencimento pela escola.

Para acolher os estudantes precisamos também olhar para os professores. Nesse sentido, o Projeto Acolhimento possui algumas estratégias que envolveram: reuniões de acolhimento; intervenções nas salas dos professores de pequenas mensagens motivacionais e outras propostas de interação como a preparação de momentos festivos a partir de datas comemorativas.

Mas a necessidade não se resume ao acolhimento da pessoa-professor/a, mas do profissional que se viu encurralado por um sistema educacional que exigiu dele/a uma mudança abrupta do seu ofício. A partir das queixas dos professores e que percebemos que o desafio maior era a avaliação de aprendizagem, principalmente, dos sujeitos que estão em isolamento social.

Assim, optamos por uma construção coletiva dos descritores de aprendizagem a serem utilizados para vislumbrar os caminhos da avaliação diagnóstica, e, depois, dos descritores da avaliação semestral. Esse movimento fez surgir a necessidade de iniciarmos a elaboração coletiva de um Programa de Alfabetização.

Programa que se caracteriza por ser a segunda fase do Projeto Aprender a Conhecer: Pesquisar de Corpo Inteiro (PAC). A intenção é elaborarmos estratégias de aprendizagens e instrumentos de avaliação e de gestão do conhecimento, que nos auxilie no replanejamento

de nossas práticas alfabetizadoras.

4 Apontamentos a considerar:

Dada as devidas proporções e limites que o sistema educacional nos coloca nesses tempos de pandemia do COVID 19, a orientação educacional buscou, a partir das ações supracitadas, construir um movimento importante de reflexão e análise da realidade para que pudéssemos, de forma assertiva, garantir que todos e todas, professores/as e estudantes, a oportunidade de aprender e ensinar, formar e formar-se, num processo contínuo e dialético de conhecer e aprender.

Analisando a ação que diz respeito ao acolhimento dos/as estudantes a partir da sacola pedagógica, guiadas pela questão: **quem queremos formar?** Percebeu-se que o acolhimento é uma ferramenta importante para compreendermos os processos e vivências desses sujeitos e as necessidades e demandas forjadas durante o isolamento social.

Durante a conversa com as famílias e com as crianças, vimos que havia um mal-estar instalado pela insegurança do adulto em não conseguir auxiliar a criança e, da criança, em não conseguir alcançar as expectativas deste adulto. Numa dessas intervenções, uma mãe denunciava a não alfabetização de sua criança. Depois das intervenções realizadas, uma online com a mãe e com a criança e outra presencial com a criança, conjugada com a sacola pedagógica, percebemos uma melhora significativa da criança no seu processo de aprendizagem, deixando evidenciado que o problema não estava na dificuldade de aprender, mas na insegurança instalada a partir das falas e atitudes da família que, comentavam na sua presença, que ela não tinha aprendido coisa alguma no ano anterior.

Sobre essa intervenção, vimos que dois fatores devem ser levados em conta: a importância do que essa família tinha a dizer, suas angústias e queixas e, a outra, sobre o conteúdo da sacola, que por ser dirigida à criança e integrada a memória afetiva do PAC, trouxe sentido e significado àquela atividade.

Nesse sentido, a conversa realizada com a família construiu uma rede significativa de acolhimento. Teixeira (2004) lembra-nos que, a conversa é uma técnica de acolhimento dialogado. Com esta técnica, percebe-se que todos os envolvidos sabem alguma coisa e mesmo na divergência, a conversa faz emergir os pontos de convergência das diversidades.

Em relação a atividade, o sentimento de pertencimento pela escola vem com ela, que remete a criança às memórias de um fazer junto com, proporcionado pela pesquisa. Porque a pesquisa a levou a inquietação e significa/ou o seu fazer e sua vontade de aprender. O acolhimento assim, se dá por outra via, pela curiosidade, inquietação indagadora, que desperta as lembranças das interações realizadas entre seus pares e entre ela e a/o

professor/a. (FREIRE, 2019)

Ao analisar a construção coletiva de caminhos para avaliar, tendo como norte, a questão que nos guiou neste momento: **O que queremos que a nossa criança aprenda?** percebemos a necessidade de rever os descritores de aprendizagem para esse tempo em que o isolamento e retenção do/a estudante em casa, gerou, como mesmo demonstrou os estudos brevemente citados neste artigo, da FGV. *CLEAR* (2020), um prejuízo significativo na proficiência na língua portuguesa e matemática, principalmente nos afetados pela vulnerabilidade socioeconômica.

Durante a construção dos descritores, percebeu-se a necessidade de discutirmos sobre as nossas práticas educativas e rever alguns os objetivos que guiaram as nossas avaliações. Partindo das observações realizadas em sala de aula e nas devolutivas das atividades feitas em casa, verificou-se que a avaliação feita no remoto, não retrata as aprendizagens do/a estudante.

Assim, para que pudéssemos ter um mapeamento mais perto da realidade, foi necessário buscar outras estratégias de avaliação, tanto no presencial, quanto no sistema remoto. Nesse movimento algumas práticas de avaliação realizadas pelos/as professores/as, admitiram outros formatos e formas, como o uso de jogos e atividades lúdico-pedagógicas e a utilização das ferramentas do PAC pelas professoras auxiliares de ensino (roteiros, produções textuais). Para tanto, concordamos com Gatti (2020, p. 33) que, “não se trata de criar modelos novos para a educação escolar, de modo abstrato, artificialmente. Trata-se de criar condições coletivas para construir e assumir novas formas de pensar e de agir no que se refere às funções e ao trabalho escolar”.

Diante disso, percebemos que a construção coletiva do Programa de Alfabetização se concretiza como uma oportunidade coletiva desses novos olhares sobre os processos de aprender e ensinar. Repensar uma outra forma de atuação na escola a partir das adversidades que a pandemia trouxe, talvez, seja um dos maiores desafios que enfrentaremos nesses anos que virão.

Talvez, essa nova forma de estar presente na escola faça-nos refletir o quanto as interações escolares são essenciais para a garantia das aprendizagens e, por esse motivo, de se repensar que, o que queremos que os/as estudantes aprendam na escola, está ultrapassado e necessita de uma revisita sistemática, documentada, pautada em evidências pontuadas e consubstanciada pelas equipes pedagógicas, nomeadamente, pela orientação educacional.

Referências

- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 58 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019.
- GATTI, B. A. **Possível reconfiguração dos modelos educacionais pós-pandemia.** ESTUDOS AVANÇADOS 34 (100), 2020. aceito em 15.9.2020. Fundação Carlos Chagas, São Paulo, Brasil. Disponível em:<
<https://www.scielo.br/j/ea/a/7M6bwtNMyyv7BqzDfKHFqxfh/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 15/07/21.
- GRINSPUN, M. P. S. Z. **A orientação educacional: conflito de paradigmas e alternativas para a escola/** Mirian P. S. Z. Grinspun. - 5. e. - São Paulo: Cortez, 2011.
- ADOTIVA. **Plano de contingência aplicável a Ebm Adotiva Liberato Valentim.** Florianópolis, novembro de 2020.
- ADOTIVA. **Plano De Ação Semestral – Ensino Híbrido.** Unidade educativa: **Ebm Adotiva Liberato Valentim.** Florianópolis, fevereiro de 2021.
- SOUZA, ET AL. **Síntese de evidências FGV EESP Clear.** O que sabemos sobre os efeitos da interrupção das aulas sobre os resultados educacionais? Disponível em:<<https://fundacaoemann.org.br/storage/materials/e828oun5zDAh6bqCMcplmqKz1VsD5Tr3jTqecYXd.pdf>>. Acesso em: 15/07/21.
- SOUZA, E. P. **Educação em tempos de pandemia: desafios e possibilidades.** CADERNOS DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS. Ano XVII Volume 17 Nº 30 jul./dez. 2020. Disponível em:<<https://periodicos2.uesb.br/index.php/ccsa/article/view/7127>>. Acesso em: 15/07/21.
- WACHOWICZ, L. A. **O método dialético na didática.** Campinas/SP: Papirus, 1989.
- TEIXEIRA, Ricardo Rodrigues. **As redes de trabalho afetivo e a contribuição da saúde para a emergência de uma outra concepção de público.** Portal Regional da BVS: Informação e Conhecimento para a Saúde, 2004. Disponível em:<
<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lis-18497> >. Acesso em: 15/07/21.